



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-eixo: Ênfase em Formação profissional.

EDUCAÇÃO POPULAR, SERVIÇO SOCIAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM COMUNIDADES E MOVIMENTOS SOCIAIS

Adriana Amaral Ferreira¹

Resumo: O ensaio apresenta o relato de experiências de extensão universitária, procurando elaborar reflexões em interlocução com o sentido de educação popular presente na obra de Paulo Freire, tendo em vista a necessidade de se pensar em formas de atuação crítica do Serviço Social em comunidades e movimentos sociais em tempos de barbárie. Serão apresentadas experiências dos Projetos de Extensão “Memórias e movimentos” e “Territorialidades e cultura”, vinculados ao curso de Serviço Social da UFES.

Palavras-chave: Educação Popular; Extensão Universitária; Serviço Social.

Abstract: The essay presents the report of experiences of university extension, seeking to elaborate reflections in dialogue with the sense of popular education present in the works of Paulo Freire, considering the need of thinking about forms of critical action of Social Service in communities and social movements in times of barbarism. There will be presentations from the Extension Projects "Memories and Movements" and "Territorialities and Culture", linked to the UFES Social Service course.

Keywords: Popular Education; University Extension; Social service.

1. Educação popular e extensão universitária

De acordo com o pensamento freireano, a relação que a universidade deve estabelecer com as comunidades é de comunicação dialética e não de extensão, no sentido de se interditar todo processo que possa significar uma “invasão cultural”, para se buscar uma relação de horizontalidade entre universidade e comunidades. Neste sentido, a universidade deve contribuir para que as comunidades aprofundem seus processos de autonomia, o que requer a recusa da constituição de vínculos de dependência institucional, ainda que essa possa eventualmente aparecer como demanda da comunidade ou do movimento social.

Sabendo que os processos de organização e resistência devem ser produzidos pela própria comunidade, pelo próprio movimento e precisam existir independente da presença da universidade, então a questão a se pensar é: como a contribuir para o autofortalecimento dos processos de organização e resistência popular? Ou seja, sem que a extensão produza qualquer vínculo de institucionalização e alienação da autonomia dos processos de resistência? Sem que aprofunde processos em que a comunidade ou o movimento procura

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: <adrianaferreira@protonmail.com>.

resolver suas contradições pela via das instituições? Neste sentido, a universidade pode contribuir para fortalecer as experiências comunitárias de autonomia, a partir de uma relação de horizontalidade, no processo dialético em que as ideias são levadas para a prova da vida. Assim, é preciso considerar que os processos de resistências produzem dinâmicas educativas próprias. Por outro lado, são também espaços marcados por contradições e tradições de opressão que, na perspectiva humana emancipatória, precisam ser rompidas.

Assim, a extensão permite o encontro da universidade com a vida em si mesma e a vida é o lugar onde a teoria é colocada a prova. Na extensão, torna-se possível vincular a práxis ao processo de formação acadêmica.² Por meio da extensão, os estudantes podem realizar uma busca para além do exercício teórico, procurando vivenciar a dialética necessária entre a educação e a experiência social. Compreender os processos que constituem esse movimento dialético entre teoria e prática no Serviço Social é uma das necessidades do nosso tempo, que procuramos estudar, tendo em vista a unidade entre ensino, pesquisa e extensão, no Grupo de Estudos sobre Cultura e Educação Popular³.

2. Bases teóricas

As ações de extensão foram pensadas a partir dos estudos organizados em cinco eixos temáticos: 1) Bases históricas do processo de ruptura com o tradicionalismo do Serviço Social: o contexto brasileiro nos anos que precederam o golpe civil-militar de 1964; 2) o Serviço Social e as experiências de trabalho com comunidades; 3) O processo de “reconceituação” do Serviço Social: Crítica do valor e crise estrutural do capital 4) Educação Popular e movimentos sociais na América Latina; 5) Cultura popular, memória e crítica do fetichismo.

Os estudos tiveram início pela busca da compreensão do processo em que o capitalismo atinge plena maturidade no Brasil, sobretudo depois de 1964, com o processo de modernização acelerada no período da ditadura civil-militar. Neste percurso, buscou-se destacar aspectos do contexto brasileiro do pré-64, quando se produziram as experiências

² Cf. SILVA, S. P.; ULIANA, R. S. S.; VALDO, J. P. Educação popular e extensão universitária: via de mão dupla. 2015. Artigo produzido pelos estagiários e extensionistas Rafaela Uliana, Sócrates da Silva e João Paulo Valdo, com o objetivo de “pensar a Extensão, como um elemento do tripé da Universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão), através de reflexões sobre a Educação Popular e à luz do pensador Paulo Freire. Essa reflexão resulta de um processo de três semestres de estágio realizado no Grupo de Estudos sobre Cultura e Educação Popular da UFES”.

³ Criado em 2014, o grupo reuniu estudantes da graduação, na condição de extensionistas e estagiários, estudantes da pós-graduação e assistentes sociais, no período de 2014 a 2018. Além dos vínculos com o Serviço Social, procuramos estabelecer um diálogo interdisciplinar com a Antropologia, Geografia, Educação Física e Teatro. Em 2017, iniciamos uma parceria com o curso de Economia da UFSC, a partir do Projeto “Artes rendeiras de histórias e movimentos: cultura e resistências na Ilha de Santa Catarina”, em interlocução com o professor Valdir Alvim. O projeto de extensão procurou se aproximar da cultura rendeira a partir de registros audiovisuais do “ato de trançar os fios de diversas cores e desenhos guarda o significado afetivo da arte de fazer rendas que transcende as formas e se materializam no laço social, a experiência dos encontros comunitários, do lugar em comum onde se reúnem para tecer e se relacionar em comunidade”. Em 2019, os estudos e projetos que definiram as atividades do grupo neste período foram realocados para a UFRRJ, onde a professora responsável pelas atividades e autora deste ensaio passou a atuar no curso de Serviço Social.

sociais que constituíram as bases da emergência da perspectiva de transformação social no Serviço Social brasileiro, a partir do trabalho com comunidades. Aqui se procurou diferenciar os processos conservadores que foram realizados no que se denominou “Desenvolvimento de Comunidade” das ações vinculadas diretamente aos movimentos populares e sinalizavam um potencial político crítico de organização e resistência. Neste sentido, foram discutidas as experiências de trabalho do Serviço Social com comunidades, no território urbano e rural, considerando o tempo histórico do pré-1964, quando germinaram as bases para a produção da perspectiva de transformação social no Serviço Social, embora ainda não elaborada de forma consciente pelos assistentes sociais naquele contexto. Foram realizados estudos dos textos produzidos nos anos 1960, 1970 e 1980 que procuraram sistematizar o trabalho do Serviço Social com comunidades na perspectiva do fortalecimento do caráter *popular* das lutas sociais – a partir da compreensão de que é neste ponto que reside o potencial crítico e emancipatório dos movimentos das massas subalternas – tem por objetivo resgatar as bases históricas em que se firmaram os avanços no campo prático e teórico produzidos pelo Serviço Social no processo de “Reconceituação”.⁴

Um dos desdobramentos desta linha de estudo procurou abordar as produções culturais que visaram à apreensão da experiência social brasileira no cinema, teatro, música e literatura no século XX. A abordagem da produção da cultura popular nos anos 1960-1970 voltou-se ao conhecimento do que esteve na base das experiências de educação popular vivenciadas por Paulo Freire no pré-1964 e que depois se estenderam até 1968, quando se instaura o AI-5. Depois de 1968, seguindo pelos anos 1970 e 1980, estudamos algumas produções culturais do teatro, cinema e literatura que denunciaram a ditadura civil-militar e toda a mudança que se vinha operando na realidade brasileira com a consolidação tardia da estrutura de dominação do capital. Sobre este contexto, foram estudadas obras teatrais do Chico Buarque, tais como *Calabar: elogio da traição* (1973), *Gota d’água* (1975) e *Ópera do malandro* (1978), a partir das metáforas elaboradas para denunciar a alienação da vida social brasileira e das mudanças estruturais na experiência cultural e política no período da ditadura e tem continuidade nos dias atuais.⁵ As representações críticas destas mudanças

⁴ Trabalhos de graduação e pós-graduação foram produzidos a partir desses estudos. Cf. DANTAS, R. F.; SCARAMUSSA, T. *A cabeça pensa onde os pés pisam: um resgate sócio-histórico do Serviço Social no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2013; BOTELHO, J. C.; CORDEIRO, M. S. *A educação popular e o Serviço Social em uma perspectiva de transformação social: a necessidade de construção de uma alternativa histórica ao capitalismo em ruínas*. Trabalho de Conclusão de Curso. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2013. BOTELHO, T.M. *Serviço Social e comunidades: experiências de atuação e perspectivas de uma “(re)atualização” crítica*. 2013. 121f. Mestrado(Dissertação). UFES. Programa de Pós-Graduação em Política Social. Universidade Federal do Espírito Santo. (UFES), 2013.

⁵ Referência e agradecimento à Ângela Maria Dionizio, poetiza, que esteve à frente da organização de todos os saraus temáticos.

foram estudadas a partir da literatura de Chico Buarque e José Saramago.⁶ Foram organizados saraus temáticos em torno dessas produções, procurando visibilizar as formas de resistência cultural e produção do pensamento crítico, tendo sido abordados também movimentos como o Cinema Novo⁷, o Teatro de Arena e a Tropicália. Neste eixo temático, também foram estudadas obras que tratam do teatro dialético de Brecht e do teatro do oprimido de Augusto Boal. O estudo da literatura de Patativa do Assaré e do cinema de Eduardo Coutinho também fez parte desse programa de estudos, tendo em vista a procura de produções que dão visibilidade às narrativas de experiências *populares* de resistências.⁸

Os conteúdos também estiveram voltados para se compreender as bases históricas do pensamento de Paulo Freire e o aprofundamento das formas de dominação pelo valor no Brasil pós-1964, para se compreender o porquê de a educação popular no Brasil - entendida a partir da pedagogia freireana - ter perdido a base histórica que a sustentava. Por outro lado, desenvolveremos a hipótese de que, em decorrência da crise estrutural do capital, datada a partir dos anos 1970, a Pedagogia do Oprimido é atualizada na práxis dos “novos” movimentos sociais na América Latina. Isso, a partir da compreensão de que na Pedagogia do Oprimido não encontramos o desenvolvimento de uma teoria da alienação e suas formas mais aprofundadas no fetichismo e na reificação, sendo este o limite da obra para representar a prática social num contexto marcado pelo aprofundamento dos processos abstratos de dominação pelo valor, que é o caso brasileiro no pós-1964. Por outro lado, a Pedagogia do Oprimido é a representação das formas de resistência que o autor pôde observar no Brasil e também no Chile, anteriores à ditadura civil-militar nestes contextos.

Considerando que a partir dos anos 1970, pelo “ocaso do exército industrial de reserva”, a massa de seres humanos que não encontram mais condições de reprodução social no interior do sistema do capital, torna-se um imperativo imediato de sobrevivência a produção de alternativas históricas à barbárie, que encontram um princípio de objetividade nos ensaios de experiências coletivas *de resistência às formas abstratas de dominação na história*. Neste sentido, procurou-se aprofundar os estudos sobre a crítica radical do valor no contexto da crise estrutural do capital, a partir de autores como Marx, Mandel, Lukács, Mészáros, Menegat, Arantes, Kurz e Jappe. O horizonte dos estudos é a construção de reflexões que - situadas desde as rebeliões espontâneas que fizeram parte do processo de formação da classe proletária moderna até a constituição da luta de “direito contra direito” (Marx), tendo em vista que no tempo histórico inaugurado pela crise estrutural do capital -

⁶ As literaturas estudadas foram Estorvo (Chico Buarque, 1991), Leite derramado (Chico Buarque, 2009), Ensaio sobre a cegueira (Saramago, 2008).

⁷ Foram tomados como referência a trilogia do Glauber Rocha: Deus e o diabo na terra do sol (1964), Terra em transe (1967) e O dragão da maldade contra o santo guerreiro (1968).

⁸ Neste sentido, a obra de Eduardo Coutinho é um dos recursos de estudo recorrentes, tais como os documentários Cabra marcado para morrer (1984), Peões (2004) e O fim e o princípio (2005).

pudessem situar, nos sentidos da práxis das massas, a possibilidade de que na história se formem sujeitos de resistência às formas abstratas de dominação objetiva. Neste ponto, os estudos voltaram-se para a elaboração de uma compreensão de cultura como modo de vida, a partir da obra de E. P. Thompson e Raymond Williams. O aprofundamento deste estudo foi realizado a partir da obra de Walter Benjamin, a partir da sua elaboração dos conceitos de história, experiência e memória.

Tendo estas referências por base, foram estudadas as experiências produzidas pelos movimentos sociais na América Latina, tais como o MST no Brasil, os Piqueteiros na Argentina e os Zapatistas no México, tendo em vista a compreensão sobre o que tem produzido de “novo” nos sentidos da *práxis* emancipatória. Ressaltadas as particularidades da formação da América Latina, procurou-se referências de estudo nas lutas francesas, desde a Comuna de Paris até as formas atuais de crítica do capital que produzem um novo tipo de experiências comuns que refazem a esfera pública da vida social. No caso do Brasil, procuramos destacar o tipo de luta que caracteriza a “*atividade [de setores] das massas ante a dissolução desta forma social*” (Menegat).⁹ Este percurso foi construído no sentido de dar visibilidade às mediações presentes na história que possibilitaram a produção de experiências coletivas de resistência num contexto em que as massas subalternas sofriam as penas de uma sobrevivência típica dos povos das realidades periféricas, cujas “veias abertas”, a que se referiu Galeano, também produziram nestas massas a capacidade de resistência às formas da reificação e do domínio do fetichismo das relações sociais que são prevaletentes em nossa realidade, principalmente depois de 1964. Outras formas de resistências¹⁰ das massas nos territórios urbano e rural foram consideradas, tais como as ocupações urbanas, os movimentos diretamente associados à questão ambiental, tais como o MAM (Movimento dos Atingidos por Mineração) e o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e os movimentos urbanos que, na luta pela questão da moradia, refazem a vida comunitária em suas territorialidades, como o MTST (Movimento dos Trabalhadores sem Teto) enfim, o objetivo é pensar a práxis das massas em suas formas de resistências que remontam os processos de vida em comunidade, fazendo do seu território de moradia, o

⁹ Organizamos o evento Depois do fim do mundo: há outro mundo por vir?, que aconteceu nos dias 26 e 27 de maio de 2015, financiado pela FAPES, com a proposta de interlocução das diversas experiências de resistência popular no Brasil e na América Latina, em parceria com o NEVI (Núcleo de Estudos sobre Violência, Direitos Humanos e Segurança Pública); o NET (Núcleo de Estudos sobre o Trabalho) e o LABIC (Laboratório de Imagem e Cibercultura), o que potencializou o trabalho interdisciplinar e a ampliação do alcance das atividades de extensão. A divulgação e os vídeos do evento podem ser conferidos nos seguintes links: <http://www.haoutromundoporvir.com.br/>; <http://www.ufes.br/conteudo/ccje-sedia-semin%C3%A1rio-sobre-movimentos-sociais-no-brasil-e-na-am%C3%A9rica-latina>; <https://pt-br.facebook.com/events/840440226048289/>

¹⁰ Cf. SILVA, L.M. Relatório de Iniciação Científica do projeto “Lutas populares no Brasil”, 2016. Esta pesquisa esteve vinculada ao Projeto de Pesquisa “Lutas populares no Brasil e na França”.

terreno de luta e aprofundamento dos processos de crítica do valor, a partir da (re)construção da esfera pública da vida social.¹¹

Enfim, perpassando por esses caminhos, busca-se o desenvolvimento dos estudos dos fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social¹², no sentido de situar esses conteúdos específicos da profissão no contexto histórico que marcou a formação social, econômica e cultural na periferia do capitalismo, que é o caso brasileiro, a fim de se possibilitar um espaço de reflexão sobre as alternativas atuais, teóricas e práticas, que possam aproximar o Serviço Social das formas de crítica do capital e práxis emancipatória, de forma que se contribua com o aprofundamento dos processos de autonomia e liberdade, que é a base da radicalidade dos movimentos.¹³

3. Ações de extensão

As ações de extensão foram organizadas em dois projetos: “Memórias e movimentos” e “Territorialidades e cultura”. Ambos procuram relacionar aspectos do modo de vida comunitário, da cultura popular tradicional e da memória social.

Sabemos que na passagem dos acampamentos para os assentamentos perdem-se experiências que foram fundamentais para a origem do movimento. No projeto “Memórias e movimentos”, realizado no Assentamento Vale da Esperança, no município de Santa Teresa/ES, as ações de extensão estão voltadas para a elaboração das memórias de resistência do período da ocupação, procurando reunir os mais jovens e os mais velhos na elaboração coletiva dessas memórias, a partir de espaços e formas diversas de elaboração e registro das oralidades, o que vai sendo definido pela comunidade ao longo do trabalho. Vale realçar aqui que o sentido do movimento de rememoração está relacionado com a concepção benjaminiana de se “escovar a história a contrapelo”, em que recordar o passado tem o significado de se buscar uma referência para a crítica do presente com

¹¹ Esses temas fazem parte de um programa de estudos geral que orientou a organização dos encontros e que surgem a partir das questões que se entrelaçaram ao longo dos debates. Atualmente, também foram organizados espaços em que os conteúdos são definidos a partir das pesquisas individuais dos estudantes, vinculadas a projetos de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso, elencados em grupos temáticos diversos, que hoje abordam os seguintes temas: artes e educação popular (Cássia Trindade); dialética e filosofia africana (José Renato Muniz); questão migratória e refugiados (Naira Saturno); questão ambiental e resistências nas comunidades pesqueiras (Aristela Sousa).

¹² Esses conteúdos de estudo e pesquisa também possibilitaram uma interlocução com o ensino, nas disciplinas ofertadas na graduação: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social II, Processos comunitários e mobilização social, Movimentos sociais e poder local, Cultura e movimentos sociais, Cultura e diversidades, “Questão social” e crise do capital, sendo esta também ofertada na pós-graduação em Política Social.

¹³ Em “Depois de junho a paz será total”, Paulo Arantes analisa as manifestações de junho de 2013, a rebeldia que profanou as formas tradicionais de se fazer política e os riscos das mais diversas formas de repressão, controle e institucionalização da rebelião popular. Fala então das “áreas estratégicas de governo do social”, os espaços de participação, em que “somos governados”, “as tecnologias sociais de desmobilizar mobilizando o corpo dos governados”, em que se abriu “a porta dos espaços participativos, agora instituições participativas, e, sobre a rubrica da palavra ‘cidadã’”. Essas tecnologias formadas por “dispositivos sociais, um conjunto de práticas e conhecimentos cujo objetivo é governar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens – na formulação filosófica bem conhecida. Mais uma vez: *políticas públicas* é o nome genérico de um desses dispositivos” (grifos do autor). Cf. ARANTES, P. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 429-433.

perspectivas de um futuro, que seja escolha livre e consciente, a partir da auto-organização consciente das tradições. Isto porque o objetivo não é apenas criar um memorial das experiências da ocupação, mas, sobretudo, pensar quais as ações que existiam no período da ocupação que deixam de existir nos assentamentos e poderiam ser reinventadas no presente, no sentido de ter o passado como referência prática de crítica do presente, com vistas a se aprofundar os processos emancipatórios. As histórias transformam-se em base para criações teatrais, a partir das técnicas do teatro do oprimido que será elaborado pelos jovens do assentamento, a fim de não somente desenvolver uma forma de conhecer e resguardar a memória do movimento, como também buscar nessas histórias elementos práticos para a recomposição crítica do presente, ao mesmo tempo em que vão formando a consciência de que futuramente estarão à frente da continuidade do movimento, sem que isto signifique uma impossibilidade migratória, pois podem permanecer no movimento “em movimento”.

Em um momento anterior das ações deste projeto, existiu o projeto “Intercâmbio Campo e Cidade”¹⁴, cujo objetivo foi a realização das ações de extensão capazes de promover o encontro dos jovens organizados no campo com os jovens organizados na cidade, com atividades que eram intercaladas no assentamento e na universidade, envolvendo a discussão de temas específicos a partir da literatura e do cinema, além de oficinas do teatro do oprimido. Neste período, foram realizadas junto dos jovens do assentamento atividades de formação sobre as formas de representação do Teatro do Oprimido, diante de uma demanda deles, a necessidade de aprofundarem a auto-organização política e cultural da juventude no assentamento, de forma que pudessem realizar suas próprias criações teatrais, de modo independente das atividades de extensão. Neste outro momento realizamos atividades culturais diversas, que reuniram os mais velhos e os mais novos, a partir da mediação de áreas interdisciplinares do conhecimento: a educação física, o teatro, a antropologia, o serviço social, em que os círculos de rememoração foram feitos considerando o período anual em que a atividade era realizada, a fim de se programar a temática conforme o tempo da vida no campo, em respeito aos momentos específicos dos ciclos de renovação da natureza, pela mediação das narrativas, das cantigas e das danças que vão recompondo o tempo do cultivo da terra, passando pelo plantio, a espera, a colheita, o preparo e a partilha dos alimentos. Uma das atividades realizadas no mês de junho, por exemplo, teve como tema a colheita do milho. Essa foi a base inicial para que os mais velhos pudessem rememorar o modo do cultivo, as danças e as músicas típicas das festas da colheita, típicas festas juninas, a sanfona e o forró, cuja sonoridade e movimento, que eram trazidos na lembrança, inspiravam uma sequência de

¹⁴ Este projeto foi de autoria das estagiárias que estiveram no grupo, Juliana Carneiro, Rayara Fernandes e Roberta Gaudio, para cumprir um dos requisitos do nível 2 do estágio supervisionado.

memórias pessoais e coletivas, que iam desenhando, em um ritmo espontâneo, o modo de vida camponês. Além disso, no período em que passávamos no assentamento, as atividades eram programadas em conjunto com os jovens, no momento da nossa chegada, havendo a divisão das tarefas em brigadas, a partir do método de auto-organização do movimento, em que são definidas horizontalmente as responsabilidades coletivas a partir da organização do tempo e do espaço, para a realização da limpeza, do preparo do alimento, das atividades e da mística. Para os estudantes, a realização das tarefas a partir desta horizontalidade teve o significado de aproximação com o saber político e cultural da juventude formada no campo, tal como o sentido de se iniciar o preparo dos alimentos típicos a partir de sua colheita diretamente na horta agroecológica.

Dessas ações, foram sendo elaboradas novas questões que se desdobraram nas atuais ações de extensão: como se dá a transmissão da memória de origem? Reminiscências que não podem ser representadas pela lógica contínua representativa das estruturas. A memória da ocupação, do acampamento e de tudo o que se viveu, enquanto experiência que inventa uma nova tradição, requer um modo de transmissão que seja artesanal, que estabeleça um elo afetivo de comunicação entre gerações e que assume formas diversas de linguagem. Neste sentido, as narrativas estão relacionadas com processos de transmissão oral, ainda que a memória dos laços que os une apareça em um enlace “indizível”, que se costumou nomear “mística”.

A camponesa que observa seu canteiro florido refaz a memória desde o cuidado com a terra, o momento certo de plantar as mudas, respeitando o tempo próprio de renovação da natureza, até seu florescer, presente que a terra lhe retribui.¹⁵ “Isto é a mística”, diz. Essas imagens dialéticas que produzem a rememoração do laço social que se cria em torno da sabedoria ancestral da relação com a terra. Assim, as memórias do tempo e do espaço nos acampamentos foram lembradas na forma de imagens: a barraca de lona preta com o fogareiro, as paredes verdes na casa que foi transformada em escola, o vestido amarelo dos dias de festa... estas imagens se transformaram na base da “mística” que seria organizada para celebrar o aniversário do assentamento, comemorado anualmente no mês de setembro, ao mesmo tempo em que a “mística” é a própria organização da festa, aqui entendida como atividade humana produtiva que deve reunir todos os moradores da comunidade, celebrando seus costumes nas músicas, nos enfeites, nas danças, no preparo dos alimentos, fazendo da festa também uma forma de transmissão de uma tradição libertária.

¹⁵ Cf. VIEIRA, M. R. Formas de inter-relação agroecologia e saúde como crítica do capital. 2018. 141f. Mestrado (Dissertação). UFES. Programa de Pós-Graduação em Política Social. Universidade Federal do Espírito Santo. (UFES), 2018.

Nas histórias individuais vão se recompondo a história do movimento, os momentos de liberdade em que as vidas se entrelaçam de forma que a memória de um passado revela as marcas profundas deixadas no corpo, experiências e afetos que formaram o vínculo orgânico com o movimento. As memórias vão formando, assim, as imagens do acampamento, que dialeticamente vão produzindo bases para a crítica do presente, memória que não retrocede para quem viveu, mas que precisa ser transmitida para a continuidade do movimento, no sentido de que as experiências sejam revividas e aprofundadas na prática. Isto pode ser visualizado nas seguintes falas: “as pessoas não tem participado das reuniões [...] todo ‘bichinho’ de baixo da lona participa, é só soltar um foguete, vem todo mundo. Era mais gostoso morar no acampamento”. “O que sinto falta principalmente em nosso grupo... todo ano a gente fazia a fogueira no mês de junho. Foi uma perda para a gente porque era onde rolava o bate papo entre as famílias”¹⁶. A “mística” do foguete que estoura no céu e representa um chamado e da fogueira que aquece em muitos sentidos, não só remonta o passado como também reatualiza o desejo de se refazer aquele tipo de laço comunitário. Dentre tantas outras falas expressivas:

temos que formar indivíduos pensantes/críticos, e aí a universidade deveria ter uma parcela de responsabilidade em cima disso, mas ela não conhece a realidade, não vai num assentamento, não vai em uma pequena propriedade, não vai em uma aldeia indígena, não vai em um reduto quilombola, não vai em uma favela [...] Então pergunto quais foram os modelos de organização do povo trabalhador que o Brasil experimentou ao longo desses anos todos, o que é possível de resgatar dessas experiências organizativas, desde as CEB's (Comunidade Eclesial de Base), desde os movimentos que antecederam ao movimento sem-terra, o próprio MST, quais foram as experiências de organização popular no Brasil desde Paulo Freire, e o que poderíamos estar retomando para conseguir organizar o povo nas periferias?¹⁷

A redescoberta do passado está acompanhada da produção de um tipo de prática social, constituída na dialética entre experiência e memória, que expressa o movimento dos homens agindo para interromperem o presente, fazendo das ruínas que o constituem a condição histórica para a libertação de forças socialmente reprimidas, a partir de então voltadas para a construção de um outro tempo possível. É assim que a transformação do presente a partir da rememoração do passado restitui nas mulheres e nos homens “o tendão de sua melhor força”, que, para Walter Benjamin, “se nutre da visão dos ancestrais escravizados”¹⁸, qualidades essenciais de um tipo de luta que se forma capaz de subverter o curso da história.

¹⁶ Cf. CRISPIM, L.; LIBERATO, V. M. Memórias da luta pela terra nas imagens narradas e fotografadas do Assentamento Vale da Esperança. Trabalho de Conclusão de Curso. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

¹⁷ Fala de uma camponesa registrada na pesquisa que se desdobrou das ações de extensão e foi desenvolvida no trabalho de conclusão de curso citado. Cf. CRISPIM, L.; LIBERATO, V. M., *Op. Cit.* 2017.

¹⁸ Cf. BENJAMIN, W. Tese XII sobre o conceito de história. In. LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 108.

Faz parte do próprio processo de produção da *práxis*, que é um processo cultural, a criação de formas simbólicas que represente o imediatamente vivido, a experiência dos sentidos que se manifesta na luta permanente contra as formas abstratas de dominação e também no êxtase, nos afetos, nas festividades, na disposição de construir dia a dia um novo modo de existência. Nestes sentidos, é a partir da rememoração que se transmite como herança cultural um tipo de experiência, que guarda a aura dos atos de autonomia, rupturas e liberdade, o que – a partir de uma leitura da obra do antropólogo e sociólogo francês Marcel Mauss – podemos elaborar como tradição organizada de forma consciente. É uma forma de organização da memória coletiva, de elaboração e registro de sua história, “são conscientes aquelas tradições que consistem no saber que uma sociedade tem de si própria e de seu passado mais ou menos imediato”.¹⁹ Nas palavras de Marcel Mauss, as tradições são transmitidas primeiramente a partir do que há de empiricamente fundado, assim como “toda arte apresenta-se, antes de tudo, como ‘receitas’, ‘segredos’”. “Tudo isto é representado como inventado pelos antepassados, revelado pelos deuses, mas é também conhecido como fundado na história e verificado pela experiência, pela embriaguez, pelo êxtase, pelo sucesso do alimento, pelos efeitos sensíveis da técnica.” Falamos da narrativa de um tipo de experiência que não esteja relacionada a automatismos, mas a um movimento permanente de “reeducação dos sentidos”, em que o vivido seja de fato sentido e nomeado de modo consciente.

Assim, “a pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação” tem suas raízes na “inserção crítica das massas na sua realidade através da *práxis*”.²⁰ Na *práxis* autolibertadora, as massas erguem-se como portadoras de um passado espoliado e dele retiram o núcleo ainda vivo da verdade contida nas ruínas, nas perdas, nas derrotas esquecidas como algo sem sentido num tempo em que o progresso histórico aferra-se em suas forças destrutivas. É neste sentido que a metodologia das atividades está voltada para a reconstrução coletiva da memória histórica das experiências de auto-organização e resistências.

Considerando essas questões e outras particularidades, procuramos desenvolver o projeto “Territorialidades e cultura”²¹, realizado na comunidade de pescadores artesanais de

¹⁹ Cf. MAUSS, M. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 114.

²⁰ Cf. FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. p. 55.

²¹ O projeto Territorialidades e cultura teve início em 2015, contando com a participação da professora Luciene Sales Sena, também autora do projeto. Houveram também a participação da professora Gilsa Helena Barcelos, em atividades de extensão conjuntas com o projeto “Organização das mulheres pescadoras artesanais da região metropolitana da grande Vitória”, vinculado ao NEVI, Núcleo de Estudos sobre Violência, do curso de Serviço Social da UFES; e da professora Simone Raquel Batista Ferreira, através do núcleo de pesquisa e extensão La Terra, do curso de Geografia da UFES. Atualmente, contamos com a interlocução do professor Sandro José da Silva, do curso de Ciências Sociais da UFES.

Ilha das Caieiras²², em Vitória/ES, a partir de uma aproximação com a comunidade e o conhecimento das suas formas de organização política e cultural, de suas memórias e formas de celebração e transmissão dos costumes em torno do modo de vida produzido a partir da relação com o mar. Nas experiências que temos tido, os desdobramentos práticos mais significativos foram produzidos a partir das memórias que ressaltavam os aspectos libertários das tradições produzidas pela vida em torno do mar e da pesca artesanal e são base de experiências comunitárias de auto-organização política e cultural.²³ Neste sentido, buscamos possibilitar espaços para a autoelaboração das experiências de resistência e defesa do modo de vida que define a identidade cultural da comunidade, por meio da organização de espaços públicos comuns, propícios ao compartilhamento das histórias que irão ganhando forma, a partir das técnicas de cartografia social, oralidades, registros audiovisuais, organizadas a partir das concepções freireanas de educação popular, que situam as formas de interlocução comunitárias em processos de comunicação dialética. São processos que requerem e possibilitam uma interlocução interdisciplinar do serviço social com outras áreas como a antropologia e a geografia, inclusive no sentido de pensar o meio ambiente como territorialidades, *locus* de produções culturais diversas.

Nos últimos anos, as ações de extensão estiveram voltadas para a rememoração das experiências originárias de organização dos festivais comunitários enquanto momentos de celebração do modo de vida em torno do mar e da pesca, este costume artesanal que reafirma a identidade cultural da comunidade. Nos encontros comunitários, dentre as memórias que produziram desdobramentos críticos e práticos mais interessantes estiveram relacionadas com o movimento de se recompor os dias de festa durante os primeiros festivais de mariscos que ocorreram na Ilha, em que a experiência da troca das receitas

²² “A Ilha das Caieiras localiza-se geograficamente ao norte e a oeste com a Baía Noroeste de Vitória, ao sul e a leste com os bairros de Santo André e São Pedro. Faz parte do complexo demográfico da “Grande São Pedro”, que compreende 10 bairros. Historicamente, a Ilha das Caieiras foi a primeira área dessa região a ser ocupada, já aparece nas Plantas da Província do Espírito Santo desde 1878 e no mapa do município de Vitória desde 1938. A ocupação da Ilha das Caieiras, que teve início na década de 20, do século passado, tem suas raízes na implantação da fábrica de cal Boa Esperança e no transporte do café produzido nas fazendas de Santa Leopoldina que, utilizando os rios Santa Maria e Bubu, desembocava frente à Ilha, fazendo desta um ponto de parada antes de alcançar o Porto de Vitória.” “O nome Ilha das Caieiras tem suas origens em dois fatores característicos: um geográfico e outro histórico. Geograficamente, no início de sua ocupação, a área estava cercada por mangues que por ocasião das marés altas lhe conferia um aspecto insular. A expressão “caieiras” significa fábrica de cal ou forno onde se calcina a pedra calcária para fazer cal. A palavra no plural sugere a disseminação de fornos dedicados a essa atividade na região, além de estar nas proximidades da Ilha da Cal. Entretanto, não há notícias de jazidas de calcário em rocha na Ilha das Caieiras, que pudessem fornecer a matéria-prima para a fábrica de cal. O material nesse caso, vinha das ostras abundantes no lugar e em sua vizinhança. Produzida em grande quantidade, a cal era ensacada e levada em barcaças para a Estação Vitória-Minas, sendo exportada para várias regiões do Brasil.” Fonte: Diagonal Urbana, Projeto Terra, SEDEC / DIT / GEO.

²³ Cf. VIEIRA, M. R.; RICIO, P. G. N. *Experiências de organização e resistência das mulheres desfiadeiras de siri da Ilha das Caieiras*. Trabalho de Conclusão de Curso. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015. Cf. CALIMAN, K.; SILVA, L.M.B. *O mar e a vida: ensaios sobre o meio ambiente como territorialidades de produção cultural*. Trabalho de Conclusão de Curso. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

típicas da torta capixaba que era reinventada e compartilhada na comunidade, expandia-se no laço social que reunia a comunidade em festa. Os festivais, inicialmente autorganizados de modo espontâneo pela comunidade, foram rememorados a partir dos laços fraternos que sempre fizeram deles uma celebração ritual dos costumes que estão na base do desejo de manter e transmitir a tradição, num tempo em que se trocavam as receitas de pratos que foram se tornando típicos do lugar. Estas referências estão na base das críticas aos atuais festivais que são organizados, mediados pelo Estado, de forma a atender a exploração turística da Ilha, fato que produz profundo estranhamento junto daqueles que guardam a memória ancestral da comunidade. Neste sentido, buscamos possibilitar espaços para a auto-elaboração dessas memórias das histórias festivas narradas por meio da organização de espaços públicos comuns, propícios ao compartilhamento dessas memórias que irão ganhando forma, a partir das técnicas de cartografia social, referenciadas a partir de uma interlocução interdisciplinar com a antropologia e a geografia. Entende-se que as experiências contidas nessas narrativas guardam possibilidades práticas de realização de projetos esquecidos. A produção de experiências comuns como forma de resistência e preservação das tradições e costumes em torno da pesca e do preparo de mariscos, das festas comunitárias que estão na base das formas de resistência de uma cultura é o que se procura visibilizar. Os fios que ligam a memória das tradições desfeitas a novas possibilidades de organização popular resultam do ato criativo, capaz de interromper processos históricos e produzir alternativas de resistência à barbárie social.

Neste sentido, a relação que se estabelece entre universidade, comunidades e movimentos sociais na perspectiva freireana de educação popular requer como princípio que se resguarde o distanciamento necessário diante do que é o núcleo da dialética viva da práxis, que advém dos processos mais criativos da ação humana, e que pertencem à comunidade, ao movimento, e dependem do aprofundamento das suas próprias formas de autonomia e liberdade.

4. Referências

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. Petrópolis: Vozes, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MARX, K. **O capital**. Livro 1, v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MENEGAT, M. “*Unidos por catástrofes permanentes: o que há de novo nos movimentos sociais da América Latina*”. In: SIMPÓSIO NACIONAL ESTADO E PODER: SOCIEDADE CIVIL, 7., 2012, Uberlândia. **[Anais...]**. Uberlândia, 2012.

PALMA, Diego. **A prática política dos profissionais: o caso do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1993.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.